

Memória e subjetividade: de um tempo para lembrar

Verli Petri*
Amanda Eloína Scherer**

Resumo

Queremos trazer neste artigo algumas reflexões, que consideramos fundamentais, sobre a subjetividade e a sua relação com a memória por meio da discursivização do lembrar. Nosso propósito é render uma homenagem à nossa colega Carme Regina Schons, que partiu precocemente. A partir de nossas lembranças-homenagens, lembranças-vivas, lembranças-experimentadas em parcerias e afetos teóricos, queremos entender melhor o eixo da composição eu + tu na constituição da subjetividade. Para nós, tal composição tem em sua constituição discursiva uma relação de nunca acabar, pois, ao lembrar, nos constituímos como sujeitos em uma relação que ultrapassa o jogo enunciativo da reversibilidade do eu e do tu, e podemos, dessa maneira, entender melhor o nosso objeto de pesquisa que é o funcionamento da língua pela memória discursiva. Nossa referência de sustentação, no plano da interpretação, está tomada pelo campo teórico da análise de discurso empreendida por Michel Pêcheux na França e interpretada, no Brasil, por Eni Orlandi.

Palavras-chave: Subjetividade. Sujeito. Memória. História. Interpretação.

Antes de um começo: as razões de uma subjetividade pela lembrança

Foi em uma noite de tempestade que ela nos deixou... partiu silenciosamente, enquanto o vento rugia e a chuva caía forte... era inverno no sul da América do Sul, aquela que tem “as veias abertas”,

* Graduada em Letras - Português Francês e Respektivas Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (1994). Mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (1998). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004), com pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2011). E-mail: verli.petri72@gmail.com

** Professora Titular de Linguística da UFSM no Departamento de Letras Clássicas e Linguística e professora da Graduação e da Pós-Graduação em Letras na mesma universidade desde março de 1982. Graduada em Letras Francês pela UFSM (1973). Graduada em Linguística Geral pela Université de Paris VIII - Vincennes, França (1978). Com especialização em Língua Portuguesa pela UFSM (1980). Mestre e Doutora em Linguística, Semiótica e Comunicação pela Université de Franche-Comté, Besançon, França (Capes 1988/1992). Realizou estágio pós-doutoral na Université de Rennes 2, França (Capes 2000). Foi professora convidada, em 2012, na Université de Franche-Comté, França, junto ao Centre de Recherches Interdisciplinaires e Transculturelles e, também, da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Cadiz, Espanha. Em 2000, foi também professora convidada do Institut Universitaire de Formation de Maîtres em Mayotte.

Data de submissão: mar. 2016 – Data de aceite: maio 2016

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i1.5959>

como nos ensinou Eduardo Galeano... A Carme nos disse tanto, escreveu tanto, lutou tanto... sua voz ressoa viva... mas naquele dia amanheceu cinzento, de “cara amarrada”, resmungando baixinho, com seus trovões ao longe, parece que reclamando uma partida tão precoce e confirmando que “a maior certeza que temos é a impossibilidade de eliminarmos as incertezas” (SCHERER, 2011, p. 290). E, neste momento, o silêncio que fica no ar significa muito, faz barulho dentro da gente e provoca um desejo de poesia. Sim, falar de Carme Regina Schons, hoje, é falar de poesia, daquela poesia que fez da análise de discurso um lugar diferenciado de produção do conhecimento linguístico; mas também daquela poesia que está nas tantas telas pintadas por ela, no sorriso largo e na mão forte que segurava as nossas em uma visita que lhe fizemos em Passo Fundo, no mês de abril de 2015.¹ Nada melhor que João Guimarães Rosa para nos descrever aquele encontro:

O Menino me deu a mão: *e o que mão a mão diz é o curto*; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. [...] *Para que refletir tudo no narrar, por menos e menor?* Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: *coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe adiante.* – ‘Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos’ – me explicou o compadre meu Quelimém. Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajuda e amortece – só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, *feito um milagre*: peixinho pediu (ROSA, 2001, p. 154-155, grifo nosso).

E, naquele dia, fomos nós que levamos a ela um pouco de poesia do nosso Manoel de Barros. Enquanto líamos, ela sorria, sorvendo cada verso e identificando-se, tantas vezes, pois ela também era “uma apanhadora de desperdícios” e compactuava com o que dizia o poeta: “eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios”. A leitura do poema em voz alta, naquele quarto de hospital, nos fez ver o quanto éramos também *invencionáticas*, como o poeta, mirando nosso reverso, espreitando nossa esperança... E a Carme nos dizia de sua experiência e de como fazer no futuro para se ter pesquisadores em nossa área, mas, sobretudo, nos dizia da importância de formarmos pessoas melhores para este mundo. De nossa parte, nos colocávamos em frente à vida ilusória do apanhador de desperdícios, pois dávamos importância a tudo e, principalmente, ao que muitos classificariam como “coisas desimportantes” e fazíamos projetos para o futuro... e rindo deixávamos o poeta falar:

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato

[de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invençionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios
(BARROS, 2010, p. 328).

No começo era o verbo ou por uma subjetividade militante

Trazemos neste artigo algumas reflexões por demais subjetivas, mas que consideramos importantes, sobre o tema chamado para este número da revista *Desenredo*. Nossa proposta será desenvolvida a partir de uma escritura discursivizada pelo memorável do lembrar. Sabemos de antemão que precisamos esquecer para lembrar e

que a memória é esburacada na sua constituição. Buracos preenchidos por um dizer que não se institucionaliza no discurso a não ser pelas ficções que vamos encadeando para dar sentido ao que ouvimos e compreendemos. E isso, sempre na ânsia constante de procurar um lugar de origem, uma causa primeira do nosso lembrar, um tempo fundado na e pela memória discursiva. Portanto, aqui, não vamos tomar o nosso lembrar do ponto de vista linear, traçando dados e fatos sobre Carme Regina Schons, mas ele será construído pelas relações que estabelecemos entre o lembrar e o esquecer, ajudando-nos a dar uma forma mais retórica, aquela das exigências necessárias de um artigo acadêmico.

Vamos tratar da subjetividade no entremeio de nosso texto considerando que, para se refletir sobre subjetividade, dois eixos são importantes: o tempo e o lugar. O tempo alçado pela memória e o lugar, pelo impossível real de uma presença. A partir deles, estamos entendendo que a subjetividade é muito maior do que a simples composição do eu e do tu e mesmo da reversibilidade proposta por Benveniste em seu famoso artigo *Da subjetividade na linguagem* (1995); nos afastamos, de certa maneira, pois estamos pensando a subjetividade a partir do discurso, e não da enunciação.

Também é importante destacar que estaremos tratando a subjetividade em suas relações com a memória, já que compreendemos que a constituição do sujeito na língua e na história é afetada

pela memória discursiva, pois é ela que fornece “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). De fato, temos trabalhado com a memória,² categoria teórica e analítica que é objeto de diferentes disciplinas na área das ciências humanas e sociais, noção forte e complexa, talvez uma das categorias analíticas que mais contribuiu para os estudos sobre a constituição do sujeito, tendo em vista que problematiza a aproximação do passado com o presente e com o futuro, o que produz em nós um efeito de sentido de estabilização de um discurso que não cansa de nos escapar. A memória não se esgota em palavras, ela é da ordem dos “deslimites” (como nos ensina Manoel de Barros).

Um verbo primeiro

[...] devemos nos preocupar em estar na história (SCHONS, 2010, p. 1)

Qual é o campo de observação de um analista de discurso? Sabemos, o mais diversificado possível, o mais rico e intenso que uma vida possa conter. Nunca estamos completos e nunca estaremos saturados pelo nosso campo de observação. Da mesma forma, sabemos que nunca conseguiremos resumir em poucas palavras o que é do analista e o que é da vida. Uma vida nossa de militância, uma vida de dedicação à compreensão das práticas sociais e políticas engendradas sempre na e pela teia do discurso. Sabemos, outrossim, que, por não sermos completos, a falta e a falha estão imbrici-

adas em nosso fazer na vida em geral e na vida acadêmica por consequência. Mas, como elas se colocam em uma vida de produção interrompida precocemente, como foi o caso de Carme Regina Schons?

Para quem produz intensamente, da forma da Carme, como funciona a noção de tempo? Como ele se fez parar para funcionar em outro tempo e lugar? O que da Carme permanece e nos interpela e nos ajuda a afirmar que viver é militar, militar por uma causa maior que não se desfaz na história e que ultrapassa o tempo e o lugar? E como podemos medir o tempo e o lugar na produção artística, política, social, teórica e analítica de Carme Regina Schons? Temos convicção de que não são apenas os parâmetros da Capes ou do CNPq que vão dar conta dessa medição.

A Carme, ao nosso ver, era muito mais do que uma pesquisadora produtiva, ela era o sujeito do e no discurso. Ela era formadora de pesquisadores nos estudos da linguagem, tanto na sua universidade de origem quanto nas outras instituições em que contribuiu e com as quais criou laços e enlaces de pesquisa e de afetos. É o caso do lugar no qual trabalhamos, o Laboratório Corpus, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Maria. Lugar que ela participou intensamente, onde fez palestras e conferências, foi membro de mais de uma dezena de bancas de qualificação e de defesas de mestrado e doutorado.

Para nós, a Carme inscreveu-se no mundo da pesquisa e dos afetos apaixo-

nados, deixando sua marca distinta nas pessoas e nos trabalhos “lidos”, ditos, escritos por ela, orientados por ela. E, em nosso caso, inventou uma maneira própria de discursivizar a própria vida, foi uma *invencionática*, como nos ensina Manoel de Barros (no poema referido anteriormente) e a quem ela própria assim se identificava.

E, outra vez, estamos à véspera de um outono úmido e abafado no interior do Rio Grande do Sul, e neste ano não vamos visitar a Carme, mas dizemos a nós mesmas “– Está tudo bem: ela nos habita!”. Seus dizeres estão em nossos dizeres, suas telas estão em nossas casas, seu modo de ser nos constitui e seus saberes são um pouco os nossos. É pela leitura-saturação de sua produção que nos sentimos plenos dela! E se a falta vem? E ela sempre vem e nos deixa atônitos... Vamos ler um pouco mais ou muito mais e a saudade dará lugar à curiosidade em saber, cada vez mais e mais, o que ela produziu e que ainda ressoa em todos nós.

Mas quem é ou foi ela, afinal? Quantas facetas compõem a imagem de uma mulher como a Carme? Quantas posições-sujeito poderiam ser identificadas em seu discurso e quais seriam elas? Ou seja, aquele sujeito que é um e que é muitos, aquele sujeito que é e que aceita ser a própria contradição. Aquele sujeito que experimentou intensamente a vida, como nos ensina um dos versos de Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, para muito

além do real e do imaginário do “dom de iludir”, pois a Carme sempre lutou para que nós entendêssemos, de fato, que os sentidos sempre podem ser outros!

Ao mesmo tempo, cada um de nós se ilude com tantas coisas desse mundo... às vezes, nos perdemos dentro de um livro de poesia ou de análise de discurso ou de uma taça de um bom vinho tinto... no entanto, ali constitui-se também o sujeito, aquele sujeito sobre o qual discorre Michel Pêcheux (1995): o sujeito que se coloca na ilusão de ser a origem, o centro e o grande controlador dos sentidos das palavras e dos silêncios que produz! Sobretudo, o silêncio da partida.

Um verbo segundo

Somos condenados a interpretar, nos diz a análise de discurso. Somos condenados a viver o presente, nos diz o tempo. Somos condenados a sentir um lugar vazio, nos mostra o vácuo da presença física. Porque interpretar é admitir a contradição como constitutiva do sujeito e dos sentidos; é admitir o lugar da falta. Porque viver o presente é aceitar a contradição de se estar entre o passado e o futuro no mesmo instante paradoxal de ser e de não ser mais e, ainda, vir a ser em um outro lugar e tempo.

Viver o presente e fazer análise de discurso é o nosso desafio diário, tendo em vista a necessidade de produção que nos toma: essa necessidade estranha que nos aprisiona e nos liberta, que nos faz existir enquanto sujeito da ciência e pesquisador; essa necessidade que nos

seduz com o brilho do “novo”, de uma outra leitura e, depois, nos lineariza porque o novo imediatamente se estabiliza no fio do discurso, passando a constituir um outro lugar de memória, um outro lugar na história. E como nos fala o poeta escritor:

Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ontem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. *Mas quando foi que minha culpa começou?* O senhor por ora mal me entenderá, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível (ROSA, 2001, p. 156, grifo nosso).

De fato, quando estamos estudando as questões de memória, deparamo-nos com as tensas relações entre passado, presente e futuro: ora estão bem demarcados no tempo do verbo no discurso, ora nos confundem entre os movimentos de lembrar, esquecer e prospectar. Nesse espaço de tensão também constituem-se os sujeitos. Estamos refletindo sobre o processo de construção de subjetividades, e ele passa, necessariamente, pelos caminhos do ler, descrever e interpretar que Michel Pêcheux nos dá a conhecer em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1997), sendo que o interpretar configura-se como o espaço de transformação e de possibilidade da criação do novo, dando visibilidade às subjetividades. E como Carme nos ensina: “[...] a leitura como um gesto de civilidade se faz ‘tomando posições’, pela conversão das Palavras em ações políticas” (SCHONS, 2010, p. 2).

O fio do discurso remete-nos a uma categoria conceitual de memória como algo capaz de abarcar a continuidade

que carrega consigo a possibilidade de transformação, de devir, de retomadas que podem sempre significar diferente. Muitos, como Michel Pêcheux (1995) e Jean-Jacques Courtine (1999), já disseram que a memória é feita de esburacamentos e saturações, das práticas sociais que se instalam entre o lembrar e o esquecer, mas como saber o que é falta e o que é excesso? Como saber o que lembrar e o que esquecer? Os impasses entre o lembrar e o esquecer são muitos e não param de se reinventar. Não há uma memória que faça justiça com o que de fato aconteceu, mas isso lhe parece muito próprio já que ela não é da ordem dos julgamentos comuns. A memória está aí, ela nos toca, é possível ler e sentir, é possível discorrer longamente sobre ela, é possível sorvê-la gole a gole, uns mais doces e outros mais amargos, mas não é preciso julgar, dizer o que é bom ou ruim. A memória nos diz, simplesmente: “Você não está só!”.

Quando estamos escrevendo um texto para homenagear a Carme, em um abafado e úmido resto de verão que teima em invadir o outono, a lembrança viva de sua partida é uma constante, difícil esquecer... e a falta se faz presença e forte. São documentos, vozes, livros, músicas, testemunhos, telas, risos desconfiados, discursos inflamados, testemunhos, críticas, gargalhadas sonoras, poemas, convicções teóricas, olhares atentos, histórias de outros tempos, imagens, fotos, silêncios... E o tempo? O tempo é remédio amargo que teima em nos curar...

A memória viva lateja em nossas tēmporas, mas ainda não temos o distanciamento temporal que organiza os arquivos e dá conta da passagem do tempo, o que temos são narrativas da ordem do pessoal e do profissional que se tocam, sinalizando que a existência da Carme fez diferença para os estudos do discurso e para todos aqueles que se filiam a essa perspectiva teórica, que é também uma tomada de posição na vida: ninguém fica ileso depois de conhecer a análise de discurso. É uma questão de memória, é uma questão de constituição de sujeitos, é uma questão de escrita. Entendemos que a memória funciona também como um instrumento político, próprio às coletividades, mas ela não é só isso, ela transborda, inunda, ressignifica as práticas sociais.

Para Carme, a escrita constituiu-se como um espaço aberto para o simbólico, para a construção das subjetividades e, conseqüentemente, para o exercício da autoria. Para essa autora,

[...] quando escrevemos, estamos sempre fazendo rascunhos em nossas vidas, os quais se cruzam com tantas outras vidas rascunhadas e (re)desenhadas (SCHONS, 2005, p. 140).

É pela escrita e reescrita que o sujeito se reinventa sempre. Nos escritos da Carme, encontramos marcas das suas leituras atentas e críticas, gestos de interpretação bem particulares, modos de resistência bastante singulares. Podemos observar, no seu discurso, o movimento entre produção, reprodução e transformação, outros dizeres irrompem

dos já-ditos, tecendo redes discursivas ainda não articuladas em uma subjetividade sem limite. Nos textos da Carme, hoje, o que temos são rastros de uma permanência no tempo presente, um efeito, portanto, duradouro e privilegiado dela em nós. O que nos importa é que algo da fragilidade da vida acaba se tornando, por meio da sua escrita, algo presente. O que temos, ao reler sua produção acadêmica, é uma possibilidade de lutar contra o nosso esquecimento...

Com a Carme... uma relação de nunca acabar³

[...] quando tomamos as transformações da língua não apenas em seus aspectos cronológicos e consideramos a sua historicidade, é preciso considerar também o político e o simbólico (SCHONS; DAGNEZE, 2011, p. 55).

O que faz a língua falhar, resvalar, rodopiar e não deixar levar? O que faz a língua ficar presa, parada, angustiada, dolorida, mas pronta para revelar e revelar-se pela memória de um tempo que não volta mais, mas que insiste em permanecer. Permanecer pelo afeto, pela resistência mesmo da memória em nos fazer ver que a morte, por mais perversa que seja, não conseguirá apagar o enlace de sujeitos constituídos por histórias avessas e travessas e, ao mesmo tempo, pelos afetos teóricos e pelo espaço da interlocução na subjetividade do ato em si de lembrar.

Sabemos que somos tomados sempre por um real impossível, o real da vida

duradoura e sem fim. Mas, quando nos damos conta que o real acaba se tornando uma ficção sem medidas e sem tempo, procuramos um outro real, uma outra via, para continuarmos projetando o nosso impossível, aquele que nos permite continuar lutando pela permanência ilusória de um sempre pertencer. Pertencer a um todo à procura constante de uma origem do sentido de viver. A Carme que conhecemos tinha uma vida, era plena em memórias... aquelas construídas pelas vivências e pelas leituras, mas também aquelas advindas das tradições herdadas, sempre retomadas e redimensionadas, mas presentes em tudo o que ela era. Há um processo de ressignificação que nunca se acaba e do qual não temos plena consciência, mas nos constitui pela alteridade, nessa relação de entremeio entre sujeitos e histórias vividas, em nosso identificar-se e contrair-se na interioridade do mesmo e do já outro; não apenas em uma reversibilidade sem limite, mas em uma relação dialética material na afirmação de uma liberdade que está no fundo de nós-mesmos e pela qual nos afirmamos enquanto pessoas... a liberdade sustentada pelo movimento, graças ao qual a alteridade vem a ser o que somos com a Carme e sem ela...

Para nós, refletir sobre subjetividade e memória nos traz – à superfície da vida – histórias vividas cheias de faltas, de furros, de rendas desfiadas pelo tempo, mas ainda intactas na sua beleza particular, fazendo resistir nossas lembranças...

lembranças de um tempo já passado, mas tão presente...

Mémoire et subjectivité: du temps pour un souvenir

Résumé

Nous voudrions explorer dans cet article quelques réflexions que nous considérons importantes sur la subjectivité et son rapport avec la mémoire par la discursivité de nos souvenirs. Notre but principal est de rendre hommage à notre collègue Carme Regina Schons décédée précocement. A partir de nos souvenirs-hommage, de nos souvenirs-vécus, de nos souvenirs-expérimentés ensemble et à partir de notre relation amicale et théorique, nous voudrions comprendre mieux l'axe de la composition je+tu dans la constitution de la subjectivité. Pour nous cette composition tient à son intérieur un rapport qui n'est pas possible de clôturer puisque, au moment du souvenir, nous nous constituons comme sujet dans et par le langage dans un jeu qui dépasse la réversibilité du je et du tu et de cette façon nous pourrions comprendre mieux notre objet de recherche : le fonctionnement de la langue par la mémoire discursive. Notre position théorique est soutenue, dans le plan de l'interprétation, par l'analyse de discours proposée par Michel Pêcheux en France et développée au Brésil par Eni Orlandi.

Mots-clés: Subjectivité. Sujet. Mémoire. Histoire. Interprétation.

Notas

- ¹ Uma primeira versão deste texto foi publicada no *site* do Laboratório Corpus, no dia 14 de julho de 2015. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/index.php/2015-04-09-12-42-08/noticias/688-homenagem-a-carne-regina-schons-em-14-de-julho-de-2015>>.
- ² Cf. PETRI, V. De “garganta do diabo” para “ponte sobre o vale do menino Deus”: reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. *RUA – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, Campinas, v. 1, n. 16, p. 66-82, 2010; e SCHERER, A. E. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos linguístico-discursivos. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 119-123, 2005.
- ³ Este subtítulo faz referência ao título da obra de Gadet e Pêcheux (2004).

Referências

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 4. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Unicamp/Pontes, 1995. p. 284-293.

BARROS, M. de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

COURTINE, J.-J. O chapéu de clémentis. In: INDIRSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. B. Mariani e M. E. C. de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-58.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

SCHERER, A. E. Apêndice ou raízes errantes para se pensar sobre um tema. In: SCHONS, Carme Regina; CAZARIN, Ercília Ana (Org.). *Língua, escola e mídia*. Passo Fundo: UPF Editora, 2011. v. 1. p. 280-294.

SCHONS, C. R. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, C. R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Questões de escrita*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005. p. 138-156.

_____. Leitura e civilidade: um estudo discursivo de práticas de silenciamentos pela violência “costurada” no corpo infantil. *Organon*, Porto Alegre: Ufrgs, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28647/17325>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

SCHONS, C. R.; DAGNEZE, C. S. Trapaceando a língua no governo Médici: um estudo sobre o imaginário de língua pelo jornal O Pasquim. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 11, n. 1, p. 37-57, jan./abr. 2011.